
IDENTIDADES BESTIÁRIAS NA COLÔNIA: MONSTRUOSIDADE, *GENDER* E
ORDEM POLÍTICA NA CRONÍSTICA PORTUGUESA SOBRE O BRASIL DOS
SÉCULOS XVI E XVII

PEDRO CARLOS LOUZADA FONSECA*

RESUMO

Que o imaginário medieval perpassa a representação da realidade americana no período colonial é uma idéia que a crítica cultural contemporânea dificilmente pode ignorar. Relativo a isso, um dos mais significativos componentes desse legado medieval – a tradição bestiária – pode ser examinado como instrumento retórico da escrita européia conquistadora. Relações de poder, nesse tipo de escrita, podem ser analisadas como formações discursivas que usam aspectos da monstruosidade e do *gender* como estratégias de dominação. Neste estudo das identidades bestiárias coloniais, a ordem política da bestialização e da configuração do *gender* é examinada nas crônicas portuguesas sobre o Brasil dos séculos XVI e XVII.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginário bestiário medieval, monstruosidade, *gender* e ordem política, cronística portuguesa sobre o Brasil colonial.

Talvez seja mesmo desnecessário lembrar que um Bestiário e seus vários códices, florescidos principalmente a partir do século XII e cultivados até os séculos iniciais dos tempos modernos, eram originalmente espécies de cópias manuscritas, de autoria anônima, por vezes ricamente ilustradas, onde se compendiam informações sobre animais, desde os mais familiares à convivência humana até os mais selvagens, exóticos, ou mesmo concebidos imaginária e miticamente. Essa *menagerie* medieval comumente antologizava, ao lado de animais domésticos e próximos ao homem, animais selvagens, exóticos (como o leão, o tigre, o elefante, o camelo), imaginários, híbridos ou não (como o

* Professor Titular de Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Pós-Doutoramento na Universidade Aberta de Lisboa.
E-mail: pfonseca@letras.ufg.br

grifo, o basilisco, a mantícora, a fênix, o unicórnio, a leucrota, o bonnacon), míticos de herança clássica pagã cristinizada (como o sátiro, a sereia, o grifo). Nos Bestiários compareciam, por vezes, exóticas espécies minerais (como as *Tirebolem* ou “pedras-de-fogo”) e vegetais (como as *Bernachas* ou “gansos-de-árvore”).

Os Bestiários têm sido considerados por alguns estudiosos como sérios trabalhos de história natural, cujas espécies descritas – mesmo aquelas mais exóticas, fabulosas, míticas ou compositamente concebidas – podiam ser rastreadas com base em dados reais, que só se apresentavam confabulados pelo bestiarista devido à impossibilidade do conhecimento e da observação direta e empírica dos protótipos (WHITE, 1984, p. 231, 237-238). Outros estudiosos, mesmo medievalistas (JAMES, 1928), acusam os Bestiários por suas arbitrariedades inventivas e excessivamente imaginárias e fantasiosas. Entretanto, em ambos os casos, um característico ingrediente temático dos Bestiários era a presença de suas mensagens simbólicas.

Assim, após a descrição física, comportamental e do *habitat* dos animais tratados, o bestiarista discorria sobre o seu significado, utilizando-se, para tanto, de estratégias retóricas ao sabor parabólico, tais como, a analogia e a alegoria. O significado extraído das espécies bestiárias era essencialmente de natureza moral, fundamentado na ética e na doutrina cristã. Nesse sentido, as moralizações dos Bestiários – seguindo a tradição dos *exempla* medievais que discorriam sobre o elogio das virtudes e a condenação dos vícios – constituíam verdadeiras metáforas edificantes (CLAIR, 1967, p. 13), por onde os seres da natureza ensinavam aos homens não só a prática correta do Bem mas também o caminho para a Salvação (COHEN, 1989, p. 224).

Esse aspecto didático-teológico dos Bestiários – ressoando o proselitismo da doutrina cristã, apoiado, desde a tradição agostiniana, na noção protoplasmática, imanentemente divina, da criação de todos os seres da natureza (WHITE, 1992, p. 163-64) –, informava-o a própria Bíblia, a exemplo do *Livro de Jó*, em que o profeta incentivava os homens

a perguntarem às feras, aves e peixes acerca de ensinamentos (*Jó* 12. 7, 8). É esse sentido revelatório de alguns animais mais portentosos que lhes valeram a denominação medievalizada *monstros* (do latim, *mostrare*), indicada por Santo Agostinho – e seguida de perto por Santo Isidoro de Sevilha nas suas *Etimologias* –, porque tais monstros “mostram algo, significando-o” (AGOSTINHO, 1993-1996, Livro XXVI, cap. VI). Portanto, nesse sentido anagógico, o animal monstruoso não transportava nenhum sentido negativo.

Antes de examinar o rastreamento de motivos dessa tradição bestiária, transliteralizados, de forma mais ou menos reconhecível, nos relatos cronísticos sobre o Brasil colonial, uma consideração preliminar merece ser feita acerca dessa influência disseminatória. Trata-se da plausibilidade das fontes a se constatarem presentes ao conhecimento da Península Ibérica, especialmente em Portugal. Na realidade, ainda não se tem notícia de reelaborações originais dos Bestiários em solo hispânico comparáveis às surgidas em França, embora motivos desse gênero possam ser largamente encontrados na literatura espanhola e portuguesa (LUGONES, 1976; MARTINS, 1951, p. 547-60). Entretanto, há evidentes provas da existência, na Catalunha, de versões do Bestiário Toscano (MONER, 1924), sendo que, em Castilha, foi ainda dominante a influência do *Livro do Tesouro* de Brunetto Latino, que, escrito em francês na segunda metade do século XIII, tinha o feitio de tratado enciclopédístico que incluía, ao lado de outros assuntos, extensas referências bestiárias, divulgando-se por manuscritos catalães, aragoneses e, sobretudo, castelhanos (ESTRADA, 1960, p. 137-152).

Em Portugal, a presença literal da tradição bestiária encontra-se, até o presente momento, restrita à descoberta de três diferentes cópias manuscritas, do *De auibus* ou *Liber auium* que, pertencente ao tratado *De bestiis et aliis rebus* (século XII), foi atribuído a Hugo de Folieto (MIGNE, 1980). Tais cópias latinizadas são conhecidas como *Livro das Aves*, sendo que a mais antiga (datada de 1184) e mais famosa proveio do Mosteiro de S. Mamede de Lorvão e se encontra hoje na Torre do

Tombo. Segue-se-lhe, em valor artístico, um códice do século XII, oriundo de Santa Cruz de Coimbra, que atualmente está na Biblioteca Municipal do Porto. O exemplar com ilustrações mais canhestras, mas nem por isso menos interessantes, é o que pertenceu à livraria do Mosteiro de Santa Cruz de Alcobça, hoje parte integrante dos fundos da Biblioteca Nacional de Lisboa (GONÇALVES, 1999, p. 31).

Não obstante essa escassez de reelaboraões bestiárias originais, indiretamente, essa tradição permeou não só a cultura popular hispânica da Idade Média e dos princípios dos tempos modernos mas também a sua literatura, fosse de natureza erudita, religiosa ou ficcional (poesia, *romances* e novelas de cavalaria), influenciando, em muitos casos, na elaboração, real ou imaginária, da chamada literatura de viagens em percurso oriental, conforme atesta, apesar de desmistificador de muitas realidades imaginárias, o *Il Milione*, título com o qual se vulgarizou o *Livro de Marco Polo*, escrito por volta de 1298.

Outra consideração preliminar que merece ser feita acerca da plausibilidade dissimnatória da influência bestiária na cronística portuguesa sobre o Brasil colonial – quer de autoria religiosa ou secular – tem a ver com uma funcional combinação verificada entre o caráter teologista e moralista, próprio dos Bestiários, e a intenção pragmática e promocional dessa cronística. Nesse caso, é de se verificar que, apesar do espírito de documentalidade, apego ao imediato, concreto, racional e utilitário – com o que normalmente se caracterizaram, diferentemente dos cronistas da América Espanhola, a comedição, a contenção e o realismo dos relatos cronísticos portugueses, principalmente quinhentistas, em relação à fantasia, ao puramente imaginário e às desvairadas especulaões –, não raramente a credulidade dos cronistas portugueses no sobrenatural e maravilhoso, fundamentada em arcaicos princípios religiosos medievais (HOLANDA, 1969, p. 1, 5, 102-103, e *passim*), inclusive recrudescida por uma mentalidade escolástica (SARAIVA, 1955, p. 190), deixou de retratar este ou aquele animal com características e propriedades portentosas, por onde motivos teológicos, próprios das simbólicas caracterizaões bestiárias, podem ser notados.

Ainda que propriamente desacompanhadas das suas respectivas elucubrações moralizantes – uma vez que a fauna desses relatos cronísticos deveria se submeter a um tratamento documental, nomeadamente empírico –, muitas das descrições dos seus animais, principalmente os mais exóticos e bizarros, relembram motivos de protótipos pertencentes à tradição dos bestiários medievais.

A começar por Pero de Magalhães Gandavo – que, em muitos passos do seu *Tratado da terra do Brasil* e da sua *História da Província de Santa Cruz* (1576), demonstra-se, por detrás da sua inspiração utilitária, um convicto teologista, na medida em que procura indagações transcendentais para explicar o mistério que a aparência das coisas esconde (GANDAVO, *Tratado da terra do Brasil*, 1980, p. 51: onde descreve o interior dos figos do Brasil (bananas) formado de um sinal em forma de crucifixo, p. 62: onde fala das peculiaridades das coisas arquitetadas por desígnios divinos; *História da Província de Santa Cruz*, 1989, p. 101: onde, a respeito da *sensitiva*, fala das secretas propriedades virtuosas de certas espécies) –, os motivos hipotextuais dos Bestiários suspeitam-se mais nitidamente nas referências que faz, por exemplo, à fabulosa serpente *giboiossú*, cujo poder de renascimento relembra o da mitológica ave *Phoenix*; e à estranha *hebijara*, cobra de duas cabeças, uma em cada extremidade do seu corpo, cuja figura analogiza-se à da *Amphisbaena* (GANDAVO, *Tratado da terra do Brasil*, p. 60).

A presença da renascedora serpente *giboiossú* torna-se referência quase obrigatória nos cronistas, razão pela qual – e dado os limites impostos para essa comunicação – restringir-se-á aqui a esse exemplo, mesmo porque, em termos bestiários, a *Phoenix*, ao lado do Unicórnio e do Pelicano, constituíam figuras preferenciais, em razão da sua utilidade como símbolos, particularmente nas propostas alegóricas (BENTON, 1992, p. 17). A *giboiossú* de Gandavo é referida pelo Padre Fernão Cardim, no seu tratado *Do clima e terra do Brasil* (escrito em 1584), com o nome de *sucurijuba*. O jesuíta ainda aborda esse tema do renascimento de certas espécies naturais, citando ainda o caso do pássaro *guainumbig*,

o beija-flor brasileiro (CARDIM, Do clima e terra do Brasil, in *Tratados da terra e gente do Brasil*, 1980, p. 55, 33). No *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa nomeia *jibóia* essa prodigiosa serpente renascedora das terras brasileiras, nome pelo qual ficaria geralmente conhecida. (SOUSA, *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, 1987, p. 258). É, entretanto, nos *Diálogos das grandezas do Brasil* (1618) de Ambrósio Fernandes Brandão que a *jibóia*, nomeada pelo cronista *boaçu*, é comparada textualmente, com maior apresentação de motivos, à *Phoenix* (BRANDÃO, 1930, p. 254). Na realidade, os *Diálogos* de Brandão podem ser considerados como uma verdadeira *menagerie* intertextualizadora de figuras bestiárias, como o pássaro *gurainguetá* (comparado ao Pelicano), o quadrúpede *jarataquáquá* (reminiscente do Bonnacon) e outros tantos animais portadores de características realmente maravilhosas, fabulosas e extravagantes, bem ao gosto da mentalidade medieval que, não poupando recursos do seu imaginário, entendia o monstruoso, o portentoso, o ostentoso e o prodigioso naturais como manifestações da onisciência e do poder criacional divino.

Conforme comentado anteriormente, se o aspecto moralizante dessas criaturas descritas nos relatos cronísticos não se semantiza diretamente em referência religiosa, como no caso dos Bestiários, entretanto, a detida atenção e os comentários dedicados de seus autores na retratação dos prodígios naturais das terras brasileiras cumprem funções ideológicas no palimpsesto cultural da sua mentalidade conquistadora e colonizadora. Para além da sua simples função teleológico-informacional, ou do seu maravilhamento gratuito, esse discurso cronístico – como qualquer outro de motivação colonizadora, quer em termos materiais ou espirituais – pautou-se, ideologicamente, por uma ordem política posta em prática tanto por expedientes de ações fatuais como por estratégias narrativas. Em ambos os casos, o seu denominador comum representava-se pela intenção de promocionalidade e de consumo, projeto do qual não se desvinculava a idéia do poder de exploração, apropriação e dominação; mecanismos esses “legalizados”

por uma atitude de investimento, ao *logos* do colonizador, de uma “legitimidade” fundamentada em termos de superioridade civilizacional.

As ações fatuais desse processo exploratório colonizador são por demais conhecidas. Um rápido exame crítico, na perspectiva dos estudos culturais, feito em exuberantes paisagens naturais da tropicalidade brasileira, ilustrativas de cartazes ou folhetos de propaganda turística, semiologizam, ainda hoje, as raízes daquele processo extrativista inerente à história da colonização. No discurso cronístico sobre o Brasil colonial, mais interessante do que a realidade fatualizada parece ser o seu tratamento retórico, em que as metáforas e as figuralizações parecem indicar, com maior força, a complexa relação reflexológica, de ordem política, existente entre imaginário e ideologia.

Na continuidade dessas reflexões, é tentador apropriar-se dos comentários de Howard Block, referentes à suspeitosa configuração retórica do discurso misógino medieval, para se concluir que, *mutatis mutandis*, no exame desse discurso cronístico colonizador, mais suficiente do que simplesmente recitar mais uma vez a história da injúria exploratória da colonização seria explorar os seus mecanismos retóricos, “desconstruir” os momentos de sua euforia ou disforia diante dos espantosos seres naturais, a fim de se poder verificar, aporisticamente, as suas verdadeiras intenções ideárias (BLOCK, 1995, p. 11).

É nesse terreno crítico da interfacialidade entre os motivos ideológicos e a sua expressão retórica e figurativa que se situam o que os estudos culturais denominam de tropologias. Segundo essa perspectiva, os *tropi* do discurso da cultura ocidental oficial, manipulados para a representação de culturas alienígenas, construíram-se, desde a tradição greco-latina, fundamentados num complexo hierárquico eurologocêntrico, segundo o qual essas outridades culturais reduziam-se apenas ao biológico e elementar. Em termos colonialistas, isto correspondia à tendência em associar o colonizado e o seu espaço apenas ao vegetativo e instintivo, projetando-o como corpo, como matéria crua e nua, como insuficiência ou mesmo ausência de atividades mentais e manufaturadas (SHOHAT,

1994, p. 138), prontos para receberem a escrituralidade fonocêntrica do colonizador (CERTEAU, 1988, p. xxv-xxvi). Toda essa imaginária construção ideológica e sua correspondente ordem política identificam o que se pode chamar, no discurso colonial, de tropologia da naturalização, a qual funciona como *arché*, na medida em que abarca outras formações igualmente tropológicas.

Se se considerar, em termos de discurso do gênero, que o eurologocentrismo se demonstra, em termos de linguagem, qualificado – desde as mais remotas teogonias, sistemas religiosos (MILES, 1990, p. 68), pensamentos políticos (SCHOCHET, 1975), e sociais (AMUSSEN, 1988) da cultura ocidental – como a expressão de uma regência androcêntrica (SHOWALTER, 1989, p. 1-13) e de patriarcalidade (MONTROSE, 1992, p. 171), as formações tropológicas derivadas da naturalização, todas elas traduzem um *logos* e uma razão civilizacional fundamentados na idéia de superioridade do gênero masculino do colonizador, do seu poder falocêntrico (CUDDON, 1992, p. 341).

Assim, por um curioso, mas explicável, curto-circuito semântico entre a ordem cultural e a ordem sexual dessa mentalidade colonizadora – e em atendimento ao seu masculinista projeto hierarquizante (MACKINNON, 1987, p. 32) –, não só a realidade natural mas também a humana do espaço da colonização sucumbem a posições inferiorizadas. Tais posições derogatórias encontram a sua expressão tropológica mais substancializada na imagem da feminilização, uma vez que ao feminino — por meio de uma curiosa associação entre defectividade e inferioridade biológicas e intelectuais (TUANA, 1992, p. 21), corruptibilidade (STARR, 1991, p. 35-36), brutalidade (BEM, 1993, p. 50-51), imperfeição moral e espiritual (ROGER, 1996, p. 4) e pecaminosidade *contra natura* (DUBERMAN, 1975, p. 7) – corresponderia, nas mais diversas concepções misóginas da tradicional cultura européia, um estado de insuficiência e degenerescência caracterizado pela infantilidade, animalidade, brutalidade e mesmo malignidade, cujo exemplo máximo, nesse último caso, encontra-se virulentamente preconizado nas teses demonologizantes da mulher, tais quais expostas no *Maleus Maleficarum* (1484).

Luciana Stegagno Picchio comenta que o descobridor português, a começar por Pero Vaz de Caminha, demonstrou, sobretudo, um especial interesse pela “boa selvagem”, que não era (ou não era só) uma *boutade*’ (PICCHIO, 1999, p. 153). O fato de não ser a brasilíndia simplesmente uma *boutade* revela-se extremamente significativo para o exame crítico da tropologia da feminilização construída pelo androcêntrico complexo psico-cultural e sexual do colonizador. Em termos retóricos, essa tropologia apresenta-se ambivalente em termos ideológicos. Primeiramente, a natureza, metaforizada como feminina, foi desejada como um virgem corpo sedutor, por sua beleza e apetecente fertilidade, pronto para ser penetrado, possuído, dominado e explorado em suas benesses e riquezas naturais, conjugando-se, dessa forma, o erótico com a projeção de um desejo econômico e político (ZAMORA, 1993, p. 162, 154). Concomitante com esse escrutínio do exótico-enquanto-erótico, expositor dos segredos ocultos no ventre da natureza feminina (PARKER, 1987, p. 142), a sua defloração e inseminação colonizadoras – regidas por uma dialética de interesses materiais e espirituais interconvertíveis, característica do que se denominou “imperialismo cristão” (GREENBLATT, 1991, p. 71) – a desbrutalaria da sua selvageria e incivilidade, revelando um estratégico *display* retórico onde o estupro se justificaria como resgate.

Ao lado dessa disposição desejosa do conquistador, essa mesma natureza foi, por outro lado, rejeitada por suas adversidades agressivas e destruidoras, não em sua realidade propriamente natural, mas antropomórfica, na medida em que a verdadeira intolerância e mesmo *paura* do colonizador manifestaram-se em relação à figura do brasilíndio canibal, considerado monstruoso especialmente por seu animalesco costume antropofágico associado a certas corrupções morais. Dentre tais corrupções, destacavam-se a incontinência de seus apetites carnis e a sua excessiva luxúria, até mesmo referida em termos de prostituição e inversões sexuais, tais como a homossexualidade e a sodomia.

O aspecto rejeitado da tropologia da feminilização, referido a essa natureza antropofágica e viciosa, completa o círculo hermenêutico da

psicossexualidade cultural do discurso androcêntrico colonizador quando se torna insistente, como fato cronístico, o registro da participação da brasilíndia no canibalismo, cuja cooperação é descrita de forma mais imagisticamente elaborada. É à brasilíndia que compete, segundo o costume, a apropriação ritual e alimentar da carne a ser devorada, inclusive com motivações demonológicas, quando, endemoniadas pelos *pajés* ou feiticeiros, profetizavam a vitória das guerras aborígenes com a finalidade do aprisionamento de vítimas para a canibalização. Os comentários de muitos cronistas sobre os elementos da selvageria, engano e canibalismo, misturam esses ingredientes, centrais à sua preocupação ideológica colonialista, com uma rude e ansiosa fantasia misógina, pela qual se revela uma poderosa conjugação entre o selvagem e o feminino (MONTROSE, 1992, p. 144). A conferição de tais cronistas da excessiva inclinação e insaciabilidade libidínica à brasilíndia, *vis-à-vis* a sua preponderante atuação no regime alimentar canibalista, corresponde a uma curiosa concatenação metafórica, que pode ser examinada entre esse aspecto da regência feminina da economia alimentar brasilíndia, o seu controle na economia sexual e a sua simbologia maleficiente, uma vez que – principalmente nos longos séculos medievais, substancialmente informadores do que foi e, de certa forma, continua a ser a mentalidade e a cultura ocidental – a ingestão carnal e a indomável sexualidade estiveram (por seu fácil deslize para a irascibilidade, descontrole, extravagância e incontinência) sempre ligadas, classicamente, à idéia da maligna natureza e do corrompedor e devorador sexo da mulher (BADINTER, 1989, p. 90), os quais, na tradição religiosa da cristandade, receberam simbólicas conotações demonológicas (FIGES, 1987, p. 61-62), das quais a mais conhecida é o *tropos* da *vagina dentata* que, identificada pelo cristianismo medieval como “portão do Diabo”, reviveu a ancestral imagem femifóbica da genitália feminina pronta para a emasculação do homem (WALKER, 1988, p. 328; BEAUVOIR, 1980, p. 118-119).

A considerar uma inevitável correspondência simbólica do peso dessa tradicional mentalidade misógina no imaginário do europeu

colonizador – psico-cultural e sexualmente ideologizado por prerrogativas orientadas por uma ordem política androcêntrica –, a imagem feminina da realidade canibalista a ser colonizada, contrariamente àquelas desejosas tropologias da naturalização e feminilização anteriormente consideradas, não poderia senão expressar um disfórico contra-efeito interposto à expectante retórica de apropriação, controle e domínio do discurso colonizador. Entretanto, mesmo nessa situação impropiciosa ainda, retoricamente, senão fatalmente, se legitimariam as premissas ideológicas, psico-culturais e sexuais do androcêntrico logocentrismo europeu exercitado em termos colonizadores que, auto-vestido de uma superior competência civilizacional e espiritual, aportou à América não só com insígnias cruciformes, instrumentos tecnológicos e bélicos superiores, mas também, mentalmente, com a imagem de uma balança para medir a barbárie. E o fiel dessa balança condicionava-se, como não poderia deixar de ser, a manipulações de regulagens sistematicamente indicadoras de relações assimétricas de poder e valores, situação que caracterizaria todo o processo colonizador a não ser em termos de uma inevitável disposição para a incomensurabilidade.

ABSTRACT

That the medieval imaginary pervades the representation of American reality in the colonial period is an idea that contemporary cultural criticism can seldom ignore. In this respect, one of the most significant components of this medieval legacy – the bestiary tradition – can be examined as a rhetorical instrument for the European conquering writing. Power relations in this type of writing can be analysed as discursive formations which uses aspects of monstrosity and gender as strategies for domination. In this study of colonial bestiary identities, the political order of bestialization and engendering is examined in the Portuguese chronicles about sixteenth and seventeenth – century Brasil.

KEY WORDS: Medieval bestiary imaginary, monstrosity, gender and political order, portuguese chronicles about colonial Brazil.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. *A cidade de Deus*. 3 v. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993-1996, Livro XXVI, cap. VI.
- AMORIM, Maria Adelina. Viagem e mirabilia: monstros, espantos e prodígios. Condicionantes culturais da literatura de viagens: eEstudos e bibliografias. Coord. de Fernando Cristóvão. Lisboa: Universidade de Lisboa: Edições Cosmos/Centro de Literatura de Expressão Portuguesa, 1999.
- AMUSSEN, Susan Dwyer. *An ordered society: gender and class in early modern England*. Oxford: Basil Blackwel, 1988.
- BADINTER, Elisabeth. *The unopposite sex: the end of the gender battle*. New York: Harper and Row, 1989.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: mitos e fatos*. Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980. v. I.
- BEM, Sandra Pipsitz. *The lenses of gender: transforming the debate on sexual inequality*. New Haven: Yale University Press, 1993.
- BENTON, Janetta Rebold. *The Medieval Menagerie: Animals in the Art of the Middle Ages*. New York: Abbeville Press, Inc., 1992.
- BLOCK, Howard R. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Tradução de Cláudia Moraes. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. *Diálogos das grandezas do Brasil*. Introdução de Capistrano de Abreu e notas de Rodolpho Garcia. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1930.
- CARDIM, Fernão. Do clima e terra do Brasil/Do princípio e origem dos índios do Brasil. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Introdução e notas de Rodolfo Garcia, Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- CERTEAU, Michel de. *The writing of history*. Trans. by Tom Conley. New York: Columbia University Press, 1988.
- CLAIR, Colin. *Unnatural history: an illustrated bestiary*. New York: Abelard-Schumann, 1967.
- COHEN, Jeremy. *Be Fertile and increase, fill the earth and master it: the ancient and medieval career of a biblical text*. Ithaca: Cornell University Press, 1989.

CUDDON, J. A. *The Penguin dictionary of literary terms and literary theory*. New York: Penguin Books, 1992.

DUBERMAN, Lucile. *Gender and sex in society*. New York: Praeger Publishers, 1975.

ESTRADA, López. Sobre la difusión del “tesouro” de Brunetto Latini en España. *Spanische Forschungen der Goerresgesellschaft*. Munich, 1960, p. 137-152.

FIGES, Eva. *Patriarcal attitudes: women in society*. New York: Persea Books, 1987.

GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado descritivo do Brasil/História da Província de Santa Cruz*. Introdução de Capistrano de Abreu e notas bibliográficas de Rodolfo Garcia. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

GONÇALVES, Maria Isabel Rebelo. *Libro das aves*. Estudo e tradução de Hugo de Folioto, *De auibus* [século XII]. Lisboa: Edições Colibri, 1999.

GREENBLATT, Stephen. *Marvelous possessions: the wonder of the New World*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional: Editora da Universidade de São Paulo, 1969.

JAMES, M. R. *The Peterborough Psalter and bestiary*. Ed. by M. R. James, Roxborgue Club, 1928.

LUGONES, N. A. Los bestiarios en la literatura medieval española. 1976. Tese (Doutorado) – University of Texas, Austin. 1976.

MACKINNON, Catherine. *Feminism unmodified*. Cambridge: Harvard University Press, 1987.

MARTINS, Mário. Os bestiários na nossa literatura medieval. *Brotéria*, v. 52, p. 547-560, 1951.

MIGNE, *Patrologia latina*. Editio nova, CLXXVII, cols. 9-164. Turnholt, 1980.

MILES, Rosalind. *The women's history of the world*. New York: Harper and Row, 1990.

MONER, R. D' Alos. *Els bestiaris a catalunya*. Barcelona, 1924.

MONTROSE, Louis. The work of gender and sexuality in the Elizabethan discourse of discovery. *Discourse of sexuality: from Aristotle to Aids*. Ed. by D. C. Stanton, Ann Arbor: University of Michigan Press, 1992.

- PARKER, Patricia. *Literary fat ladies: rhetoric, gender, property*. London: Methuen, 1987.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. *Mar aberto: viagens dos portugueses*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.
- ROGER, Katharine M. *The troublesome helpmate: a history of misogyny in literature*. Washington, D.C.: University of Washington Press, 1996.
- SARAIVA, António José et al. *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1955.
- SCHOCHET, Gordon J. *Patriarcalism in political thought*. New York: Basic Books, 1975.
- SHOHAT, Ella et al. *Unthinking eurocentrism: multiculturalism and the media*. London and New York: Routledge, 1994.
- SHOWALTER, Elaine. Introduction: the rise of gender. *Speaking of gender*. Ed. by Elaine Showalter. New York: Routledge, Chapman and Hall, 1989.
- SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Comentários de Francisco Adolfo de Varnhagem. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.
- STARR, Tama. *The "natural inferiority" of women: outrageous pronouncements by misguided males*. New York: Poseidon Books, 1991.
- TUANA, Nancy. *The less noble sex: scientific, religious, and philosophical concepts of woman's nature*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1993.
- WALKER, Barbara. *The woman's dictionary of symbols and sacred objects*. San Francisco: Harper and Row, 1988.
- WHITE, Hayden. The forms of wildness, in *tropics of discourse: essays in cultural criticism*. Baltimore and London: Johns Hopkins University, 1992.
- WHITE, T. H. *The book of beasts being a translation from a latin bestiary of the twelfth century*. Trans. and ed. by T. H. White. New York: Dover Publications, 1984.
- ZAMORA, Margarita. *Reading Columbus*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1993.